

## FACOTILHA

### SONHANDO.

Não é possível emoldurar n'um quadro feito de recordações o alvorço popular e a solemnidade da camara dos srs. deputados desde o dia em que a palavra do ministerio deixou na consciencia de todos a convicção do que vamos ser finalmente uma patria de irmãos.

Não se descreve a erupção electrica do aplauso das bancadas parlamentares, das galerias, das tribunas, de senhoras e de cavalheiros da mais fina roda, de toda a parte, emfim, onde um coração patriótico ouviu o compromisso ministerial de extinguir imediatamente e incondicionalmente a escravidão.

Diz-se-hia que a voz popular era feita com o rugido de tres séculos que se desoprimalam do silencio fatal imposto a milhares de homens; que o recinto da camara se havia convertido n'um valle de Josaphat, onde resgiam, reencarnavam-se, todas as gerações mortas pelo pirata, para acclarar com uma só alma e uma só voz a restauração da igualdade humana.

No meio daquella sussurro religioso, como dos carvalhos de Dodona, deixando sem folego aquella ancedade, aquela nevrose de entusiasmo, levantou-se Joaquim Nabuco.

A sua palavra construiu desde logo uma muralha de estrelas em derredor do ministerio.

O orador parlamentar dos captivos acostou de frente e em campo aberto o combate, que insidiosamente era oferecido ao ministerio, grande, extraordinaire, incomparável, com uma energia selvagem, entrou na peleja como se fosse um deus. Parecia que se estava servindo de uma arma ingente: um arco feito com a curva de uma aurora, tendo como corda a linha recta da honra. Afigurava-se a gente que o tremendo sagitário sagrado traçaria como aljava uma nebulosa, cheia de pequeninos sós, que lhe serviam de balas.

A conspiração dos interesses partidários desfez-se instantaneamente; as paixões se transubstanciaram em sentimentos liberais.

Joaquim Nabuco deu voz ao arpendimento de todos os partidos. Depois daquella confissão em voz alta, como nos primeiros tempos do christianismo, a pátria fez a sua primeira comunhão de fraternidade.

Foi o sr. Rodrigo Silva, ministro da agricultura, o incumbido de pontificar a missa nova da redenção nacional. A hostia que elle levantou, não ao tilintar de campainhas, mas ao estrondear de palmas e aclamações de um povo delirante, foi esse projeto branco, como a pomba da arca, laconico como o relâmpago, que desfaz uma nuvem negra.

Desde este momento tornou-se impossível ver o que se passou. As petalas de rosas esvojavam, lembrando a chuva de ouro mythologica dos amores da suprema divindade olympica, os conubios mysteriosos de que resultavam semi-deuses.

Sentia-se que estava fecundando naquele momento o ovo da grandeza nacional; que dali, daquelle recinto, ia sahir uma deusa mais formidavel que a bella e terrivel Pallas: a Patria brasileira, grande na sua magnanimidade, inexcedivel na sua abnegação no serviço da civilização.

Caiu no meio da festa um insulto: o povo saltou por cima delle e perdoou, como lhe cumpriu, honrando na liberdade de opiniões alheias a sua idoneidade para usar da propria.

Vê-se que a Rotina, cochicha, gesticula, siranda de bancada em bancada, a soprar no cinzeiro das paixões a brasa do despeito. Os encapotados espreitam-se, intelligenciam-se pelo amuo, pelo encolher de homens, pela troca de batidellas de palpebras. Mas a camara não se detem.

Está dentro della uma força irresistivel, feita com o vapor da opiniao, da phrasa de Joaquim Nabuco, e ella, por proposta do heroe abolicionista, vota imediatamente a commissão especial que deve dar parecer sobre a proposta do governo; a commissão lavrou imediatamente o parecer, com a febre humanitaria da convenção ao decretar lei identica.

O povo delira, ha risos, lagrimas abraços. Na nação se reconhece homogenea, solidaria. Grandes proprietarios de escravos hontem, regosiam-se por adquirirem do chofre milhares de cidadãos.

O delirio transborda do recinto para a rua, onde as gyrandolas sobem festivamente ao ar, a musica toca o Hymno Nacional, os estandartes da Confederação Abolicionista agitam-se, a aclamação soe com o estensor de milhares de vozes.

O governo e a camara vem confrontar com o povo ás janellas do palacio legislativo.

Cada ministro que chega é recebido por um deluvio de palmas e de vivas. A onda popular afluie e refloue, com a unctuosidade do rolo, tão compacta é.

Não se esquece o ministro ausente, de cada vez que se saluda um dos presentes.

Viva Antonio Prado! repeate incessantemente a multidão.

Chega a janella Joaquim Nabuco e o povo o vitoria, com esse entusiasmo que só a fidelidade aos principios inspira.

É elle o triumphador. Tem os cabellos ainda empastados de suor e de petais. Erecto, immovel, extatico, alli-está grande e solenne, como ha de ser guardado na memoria da gratidão nacional, na estatua que elle mesmo fundiu com o fogo da sua palavra, com o bronze do seu caracter.

Depois de um minuto secular, elle volta a si, e vê então povo, deserto como diante de um ídolo, e levanta vivas a Princeza Imperial, ao senador Dantas, ao ministerio, à Nação Brasileira.

Mas a alma abolicionista não se contenta, não julga ter-se expandido bastante.

A Confederação posta os seus estandartes á porta da entrada dos ministros, enfileira-se sob o alpendre, e deste modo faz com que passem entre alas do povo os ministros que se retiram.

Recomeça a aclamação febril, indiscrepável. Caiu uma chuva de flores sobre cada ministro que passa.

Assoma a porto sr. João Alfredo, o povo enlouquece, abraça-lhe o peito, as pernas, carrega-o sobre os homens, leva-o ao carro e, quando este quer seguir, a multidão que se conservava de pé, a dar palmas ao presidente do conselho, cerca a carruagem, com a rapidez de um salto, e retira a parrelha. A scena toma as proporções de uma divinização.

—Queremos carregal-o! Ha de ser carregado!

E' preciso que a Confederação intervenha para evir que a propria gloria do presidente do conselho velasse-lhe a modestia.

O sr. João Alfredo é obrigado a fugir da sua apoteose, pálido, comovido, elle, o homem imperturbavel. Quando sahe o sr. Ferreira Viana homens de cor se ajoelham, beijam-lhe os pés, a elle, tomado acaso um delles, beija-o longamente, celebrando deste modo o consorcio eterno da raça negra com a liberdade.

A Confederação Abolicionista organiza o prestito, rodeia a camara, como ceremonias de bençao, e desfila pela rua da Misericordia.

Ao entrar na rua 1º de Março, vê em una das janellas do Hotel do Globo uns dos seus benemeritos, o dr. Affonso Celso Junior.

A procissão dirige-se para junto da janella e apresenta os seus estandartes ao jovem batalhador, cuja palavra e energias foram um dos palladios das liberdades populares.

Aleffoso Celso Junior colhe a seda do estandarte da Confederação, abrange-a e depois deposita um beijo em una das bordas da bandeira sagrada.

A multidão acclama-o, em quanto a bandeira nacional, que é deslizada no estabelecimento, desce por tres vezes sobre a procissão patriótica.

O prestito segue e sobe a rua do Ouvidor.

Pára em frente ao Paiz, a cordilheira luminosa, onde se aninharam as aguas abolicionistas. Lá está nas janellas Joaquim Serra, o genio de cem caboclos, cujo suor é ora madrugada fulgorante, ora um meio-dia tropical; lá está Quintino Bocayuva, o Anhau da liberdade nacional, lá está Joaquim Nabuco.

Destaca-se lá um hospede: é André Rebouças, o colosso de talento e de coração, a alma mate da propaganda abolicionista.

A multidão não sabe como demonstrar a sua gratidão á sua imprensa, á sua fortaleza inexpugnável, a Mälkoff gloriosa do seu direito.

Quintino e Nabuco fallam. O povo inunda. São milhares de pessoas! A roua do Ouvidor literalmente cheia! Faz se alli a saudação de todos os vivos.

A memoria impecável da gratidão vitoria quants trabalharam mais poderosamente, os legendarios:

Antonio Bento, Carlos de Lacerda, Carigé, João Cordeiro, João Rainos, André Rebouças, Raymundo de Souza, Ruy Barbosa, Nicolau Moreira... Quantas? todos são lembrados.

O nome do senador Dantas anda do buco em boca, como a seuha sagrada das almas.

Em frente á Gazeia de Notícias renvam-se as acclamações. Ferreira de Araujo, ausente, é festejado como sempre pelos seus relevantissimos serviços.

Nova estação em fronto á Cidade do Rio.

José do Patrocínio agradece. Faz-se a saudação á memoria dos grandes abolicionistas mortos: Luiz Gama, Ferreira de Menezes, José Bonifácio, Rio Branco, Ezebio de Queiroz e Diogo Feijó.

Já agora é impossivel atravessar a rua. O estandarte da Confederação já está sendo abraçado pela redacção do Diario de Notícias; já das janellas do nosso illustre e benemerito collega cahe sobre o povo uma chuva de flores e entretanto ha ainda aglomeracão em frente a esta redacção.

Passa o velho e legionario abolicionista sr. general Beaurepaire Rohan.

A Cidade do Rio inunda o de flores e o povo a sauda.

O prestito chega á sua ultima estação: á Revista Ilustrada. Angelo e Luiz de Andrade recebem do povo em ovacão estrepitosa um quinhão do muito que lhes devem os escravos.

Fallam agradecendo e apôs elles essa alma preiosa, esse talento privilegiado, esse a quem o futuro ha de reconhecer um presente divino á patria Coelho Netto.

Para pedir ao povo que se disperasse e agradecer-lhe a cooperacão, toma a palavra João Clapp, o immortal presidente da Confederação Abolicionista.

É facil de imaginar o acolhimento feito pelo povo ao primeiro dos venceidores; o patriota sans peur et sans reproche, a cuja perlinacia e dessassombro devem os escravos a liberdade.

A's 3 1/4 da tarde, recolhia-se a Confederação, e na sala de nossa redacção dava-se a mais singella, porque mais comovente das scenas do dia.

Os abolicionistas abraçavam-se e bejavam-se chorando e apertavam-se as mäos, reiteiravam o juramento á liberdade—vida e honra.

Sonhei, ou vi tudo isto?

E' o que pergunto a mim mesmo, sem poder responder.

Si não fosse ver através de minhas recordações os dois punhalos de fama atirados, um no senado, pelo sr. Gaspar Martins, outro na camara, pelo sr.

Andrade Figueira, ás faces da nação e no brilho da mais santa das causas, eu não acreditaria que uma pagina tão brillante pudesse ser escripta na triste historia desta terra, minada pela inveja e corrioda pela injusticia.

Bomdicto seja o povo; eu bem sabia que a sua consciencia era um Jordão abundante de aguas redemptoras para o baptismo do futuro nacional.

(Da Cidade do Rio.)

De beri-beri galopante faleceu honram á noite Alcibiades da Silva Castello, carteiro dos correios desta cidade.

A camara dos lords da Inglaterra, em sessão do dia 13 de abril, rejeitou o projecto que concedia ás mulheres o direito do voto.

(A REVOLTA DA FOME.)

Encontramos em correspondencias de Roma tristes e curiosos pormenores do levante de operarios, que ali houve em marzo ultimo. Foi um espetaculo desolador e terrivel.

—Grupos de operarios famintos assaltavam os padueros nas ruas e roubavam-lhes o pão!

—Na praça de Victor Maœl havia um grande numero de familias de operarios que gritavam: —Temos fome! Queremos pão!

—Os grupos debandaram dessa praça, quando se approximou a guarda municipal, e espalharam-se pelos bairros novos, com o fim de assaltas as lojas e apoderarem-se do pão!

—Pão! pão! era o grito geral.

—Os padueros e os logistas não opunham resistencia á multidão, e o pão era distribuido com certa ordem. Homens, mulheres e crianças engarravam acentuadamente o pão, devorando-o no mesmo instante.

—Foram muito poucas as padarias que escaparam ao assalto e ao saque, apesar da intervenção da guarda e das forças militares.

—Alguns trabalhadores apresentavam-se nas fábricas, pedindo trabalho para todos ou para nenhum e pretendiam que abandonassem a obra os que estavam a trabalhar.

—Nas officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—Por fim, tiveram de reunir-se aos manifestantes, que eram mais de 2.000, e com elles percorreram as ruas principaes da cidade. Levavam bandeiros com a legenda: —Pão e trabalho!

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.

—«As officinas da Moroni, de Bulla e de Roobolli, os que estavam não queriam unir aos que não tinham que fazer, e estes cobriram-os de insultos.